

TÍTULO DO TRABALHO			
AS INSURREIÇÕES OPERÁRIAS NA PRIMEIRA REPÚBLICA (1918-1919): IDEIAS, ARTICULAÇÕES E PROJETOS POLÍTICOS			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Frederico Duarte Bartz	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	UFRGS	Doutor e Técnico em Assuntos Educacionais
RESUMO (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>No final da década de 1910, os trabalhadores organizados viveram um período de intensa mobilização no Brasil, em um processo que se iniciou com as Greves Gerais de 1917 e culminou com as Insurreições Operárias do Rio de Janeiro em novembro de 1918 e de São Paulo em outubro de 1919. Neste artigo analisarei as ideias, as articulações e os projetos políticos que orientaram estas insurreições, especialmente no que se refere às tentativas de tornar mais orgânica as relações entre os militantes operários com o objetivo de garantir o triunfo das ideias de Revolução Social no país.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ 3)			
Insurreição Operária, Movimento Operário Brasileiro, Ideia de Revolução Social			
ABSTRACT (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>In the late 1910s, the organized workers lived a period of intense mobilization in Brazil, in a process that began with the General Strikes of 1917 and culminated in the uprisings Workers of Rio de Janeiro in November 1918 and Sao Paulo in October 1919. In this article I will analyze the ideas, joints and political projects that guided these uprisings, especially with regard to attempts to make more organic relations between labor activists in order to ensure the triumph of the Social Revolution ideas in the country.</p>			
KEYWORDS (ATÉ 3)			
Workers' Uprising, Brazilian Labor Movement, Ideas of Social Revolution.			
EIXO TEMÁTICO			
Marxismo, insurreições e revoluções: teoria e história			

Introdução:

Neste texto apresentarei uma análise de dois episódios pouco estudados da história do movimento operário brasileiro: a insurreição operária de 18 de novembro de 1918, organizada na cidade do Rio de Janeiro e a insurreição operária de 19 de outubro de 1919, que teve como centro a cidade de São Paulo. Partindo do contexto de intensa mobilização social vivida a partir do ano de 1917, quando greves generalizadas eclodiram em várias localidades e as informações sobre a Revolução Russa começaram a circular de forma cada vez mais intensa no Brasil, analiso as articulações promovidas pelos militantes anarquistas e sindicalistas das principais cidades do país para construir um plano revolucionário e torná-lo vitorioso.

Durante a análise, destacarei alguns projetos que estiveram diretamente ligados às insurreições, como a criação da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro e a fundação do primeiro PCB pelos militantes libertários da Capital Federal, ações nas quais se percebe o esforço por uma maior articulação política entre a classe operária e a busca por apoio em outros grupos sociais para garantir o sucesso da revolução. Desta forma, as insurreições operárias de 1918 e 1919 não são aqui entendidas como tentativas superficiais ou ingênuas de alcançar o sonho de libertação social, mas o resultado de um movimento que mobilizou um grande número de militantes para a concretização de um projeto político revolucionário.

Os projetos revolucionários das Greves de 1917 à Insurreição Operária de 1918.

A situação econômica da classe trabalhadora nas principais cidades brasileiras se deteriorou desde o início da Primeira Guerra Mundial. Com efeito, devido ao conflito na Europa, as exportações brasileiras de produtos como café e açúcar haviam se retraído, ao mesmo tempo em que produtos de primeira necessidade eram exportados para as nações beligerantes. O aumento do preço dos alimentos e a escassez dos produtos básicos contribuía para agravar a percepção da carestia de vida. Ao mesmo tempo, a indústria se

expandia para produzir bens de consumo cuja importação da Europa estava se tornando inviável, em uma lógica de substituição de importações, que contribuía para aumentar o número de operários concentrados nas cidades, submetidos a uma crescente exploração (VELASCO E CRUZ, 1981, p.40-79).

A situação das organizações dos trabalhadores, como os sindicatos e federações operárias, também era difícil, já que a crise havia desorganizado o movimento. Durante o ano de 1917, no entanto, vai se verificar um lento trabalho de rearticulação do movimento operário em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Recife. Na Capital Federal, por exemplo, os militantes anarquistas e sindicalistas revolucionários conformaram um Comitê Central de Agitação e Propaganda Contra a Carestia e o Aumento de Impostos, por meio do qual conseguiram organizar mobilizações e reorganizar algumas categorias de trabalhadores (VELASCO E CRUZ, 1981, p.80-147). Em São Paulo, a partir das organizações e ligas de bairros operários, os anarquistas da Federação Operária de São Paulo reorganizaram os trabalhadores preparando a maior paralisação do trabalho de toda a Primeira República: a Greve de Julho 1917.

A Greve de Julho de 1917 iniciou-se no Cotonifício Crespi, se espalhando para várias fábricas e diferentes categorias. A paralisação foi organizada pela Liga de Defesa Proletária, que lançou um documento com exigências relativas ao trabalho dos operários, como as 8 horas diárias de trabalho, mas também voltada para a população em geral, como o controle dos preços dos alimentos e dos aluguéis (LOPREATO, 2000, p.29-68). A greve acabou de forma vitoriosa para muitas categorias e seu exemplo foi seguido em outras regiões. Em Porto Alegre, no início do mês de agosto, os militantes anarquistas formaram a Liga de Defesa Popular, que organizou o movimento paredista na capital do Rio Grande do Sul. Assim como em São Paulo, as reivindicações se voltam para a população em geral e da mesma forma que a capital paulista, diversas categorias conseguiram vitórias (PETERSEN, 2001, p.328-340).

Também eclodiram greves em outras cidades brasileiras, como Recife, Curitiba e Salvador. Em meio a esta grande mobilização, chegavam notícias sobre o que ocorria na Europa, especialmente sobre a Revolução Social que acontecia na Rússia. Desta forma, enquanto se mobilizavam para as questões locais, os militantes difundiam e debatiam notícias sobre a derrubada da aristocracia dos Romanoff e sobre a formação dos Soviets. Foi neste contexto que jornais operários como *A Plebe* de São Paulo ou a revista *O Debate*

do Rio de Janeiro passaram a tratar sobre as características da Revolução Russa, mas também sobre a possibilidade da repetição do fenômeno dos Soviets no Brasil e sobre a necessidade de obter a solidariedade dos soldados para a luta dos operários. Desta forma, parecia que a grande mobilização que se espalhava por vários pontos do país poderia abrir espaço para um desenlace revolucionário no Brasil.

Foi neste entrelaçamento de mobilização e esperança pelo futuro da Revolução Social, que a Liga de Defesa Popular de São Paulo lançou uma convocação para um Congresso Geral da Vanguarda Social do Brasil:

Para uma ação conjunta.

Congresso geral da vanguarda social do Brasil.

Preparem-se todas as associações obreiras e avançadas.

O grande movimento obreiro que está agitando o elemento proletário do Brasil, evidencia a necessidade de serem, com a máxima urgência, estabelecidas as bases de uma ação conjunta entre todas as sociedades operárias, agremiações libertárias, centros socialistas e de estudos sociais existentes no país.

Atendendo a essa premente necessidade, o Comitê de Defesa Proletária vai promover um congresso geral de toda a nossa vanguarda social.

Que todas as agremiações obreiras do país realizem imediatamente os trabalhos necessários para nele se fazerem representa¹.

Desta forma, logo após a grande onda de greves de 1917 já havia o desejo, por parte dos militantes de São Paulo de tornar mais orgânica e coordenada a ação das várias organizações do movimento operário brasileiro. Aquela conjuntura, no entanto, não era muito favorável, já que depois do período das greves ocorreram perseguições aos trabalhadores e o Brasil se viu envolto no entusiasmo nacionalista pela entrada do país na Grande Guerra.

A partir de novembro de 1917 os debates sobre os rumos e as possibilidades da Revolução Social voltam a tomar força por conta da vitória dos bolchevistas na Revolução de Outubro na Rússia, com o estabelecimento de uma república socialista naquele país.

¹ *A Plebe*. São Paulo. p.2, 4, ago, 1917.

Assim que as notícias começaram a chegar ao Brasil, os militantes começaram a debater as origens do maximalismo (a tradução da época para a palavra bolchevismo), a formação do Soviet e os novos caminhos para a Revolução Social. Durante o ano de 1918, vai existir, entre os militantes brasileiros, uma grande expectativa para que a Grande Guerra que varria a Europa se transformasse em uma Revolução Social, como havia ocorrido na Rússia czarista. Jornais como a *Tribuna do Povo* de Recife, *A Luta* de Porto Alegre ou *A Crônica Subversiva* do Rio de Janeiro vão exercer este papel de difusor de informações e de promotores de um debate sobre os caminhos a seguir em direção à Revolução Social². Neste processo de debate e apropriação das ideias revolucionárias, alguns militantes também passaram a se organizar através destas propostas.

Na cidade de Porto Alegre, por exemplo, o barbeiro Abílio de Nequete, um imigrante libanês que havia chegado ao Brasil no começo do século XX, começou a participar ativamente do movimento operário a partir da Greve de 1917. As concepções de Nequete possuíam algumas particularidades que tornam sua aproximação com as ideias revolucionárias um processo bastante complexo. Ele havia sido criado na tradição ortodoxa e por isso havia estabelecido laços afetivos bastante fortes com a cultura russa. No Brasil, o imigrante libanês havia se convertido ao espiritismo. Quando ocorreu a Revolução Bolchevista, ele transferiu suas simpatias para a Rússia Revolucionária, esperando que os bolchevistas promovessem uma renovação social e espiritual na sociedade. Em pouco tempo Abílio de Nequete se tornaria um entusiasta do maximalismo e passaria a colaborar com os anarquistas nas mobilizações sindicais (BARTZ, 2008, p.157-173).

Abílio de Nequete passou a integrar a União Operária Internacional de Porto Alegre a partir de 1918: esta associação era o principal agrupamento libertário da capital do Rio Grande do Sul, tendo lançado em março deste ano o jornal *A Luta*, que fazia duros ataques contra os militantes moderados que tinham poder sobre a Federação Operária do Rio Grande do Sul e difundiam notícias entusiasmadas sobre a Revolução na Rússia. O fato é que Nequete, por suas concepções particulares, entrava em conflito com os anarquistas, alguns dos quais eram visceralmente ateístas. Desta forma, utilizando como modelo de organização a União Operária Internacional, Nequete vai fundar juntamente com outros

² A *Tribuna do Povo* de Recife foi fundada por Antônio Bernardo Canellas em 1918, transformando-se, posteriormente, no jornal da Federação de Resistência dos Trabalhadores de Pernambuco; *A Luta* era o jornal da União Operária Internacional, principal organização anarquista de Porto Alegre e a *Crônica Subversiva* foi fundada em 1918 por Astrojildo Pereira para ser um jornal de debates e difusão das ideias revolucionárias.

dois militantes a União Maximalista de Porto Alegre no dia 1º de novembro de 1918. Esta organização teria por função defender e difundir os princípios da Revolução Russa, tendo sido a primeira organização a se identificar como “maximalista” no Brasil³.

O processo de formação da União Maximalista e de sua identificação com as ideias revolucionárias prova que este era um processo complexo, contraditório e que podia variar conforme as circunstâncias. Outro exemplo de identificação com a Revolução Social que fez nascer um projeto organizativo se deu no estado de Alagoas. Durante o ano de 1917, Antônio Bernardo Canellas e Otávio Brandão, através do jornal *A Semana Social*, ajudaram a difundir informações sobre a Revolução Russa e tornar público diversos atos do movimento dos trabalhadores alagoanos.

Otávio Brandão era um farmacêutico que havia entrado em contato com as ideias materialistas na Faculdade de Farmácia de Recife. De volta à Alagoas, aprofundaria suas preocupações com a miséria da população camponesa e com a má distribuição da terra. No final deste ano de 1917, Canellas teve de se retirar para Pernambuco (onde fundaria o jornal *a Tribuna do Povo*), mas Brandão permaneceu no estado, articulando um projeto para organizar os trabalhadores com fins revolucionários (BRANDÃO, 1978, p.112-134).

Assim como Abílio de Nequete, Otávio Brandão foi profundamente impactado pela Revolução Russa. Durante o ano de 1918, ele iria procurar referências dos revolucionários russos em Maceió, mas só teria encontrado um livro de um socialista revolucionário, Stépniak-Krachinsky, chamado *Rússia Subterrânea*. A referência ao populismo russo certamente se mesclou com sua preocupação pelo destino das populações rurais de seu estado, o que influenciou o processo de fundação da Congregação Libertadora da Terra e do Homem. Esta sociedade tinha por função propagar a ideia de revolução agrária, sendo que Otávio Brandão foi para o interior de Alagoas para convencer os trabalhadores dos engenhos a defender as ideias revolucionárias. Tendo sido perseguido pelos usineiros, ele teve de voltar para Maceió, onde fundou o jornal *O Povo*. Vítima de perseguições também na capital alagoana, Brandão teve de viajar para o Rio de Janeiro, aonde iria se integrar aos militantes libertários cariocas, passando a militar nas associações operárias da Capital Federal.

³ O seu documento de fundação, *Do canhão à peste*, se encontra reproduzido em no livro *O ano vermelho: a revolução russa e seus reflexos no Brasil*, de Luiz Alberto Moniz Bandeira. (MONIZ BANDEIRA, 2002, p.485-490).

Tanto a fundação da União Maximalista de Porto Alegre, quanto a formação da Congregação Libertadora da Terra e do Homem de Maceió, são provas de que as informações sobre a Revolução Russa chegavam ao Brasil e no processo de circulação destas ideias, havia a incorporação destas concepções através das realidades locais. Além disto, estas ações também mostram que após um primeiro momento os debates sobre os novos rumos da Revolução Social já colocavam para os militantes a importante questão de se organizar através destas ideias e articular projetos políticos que realizassem a mudança social almejada.

Na Capital Federal, diferente do que ocorrera em São Paulo ou Porto Alegre, a mobilização que ocorreu durante o ano de 1917 não resultou em uma Greve Geral. As organizações operárias cariocas estavam divididas em diferentes tendências, com algumas sociedades defendendo o sindicalismo reformista. Tampouco os próprios militantes libertários tinham uma unidade de ação, pois havia divisões entre grupos anarquistas e sindicalistas revolucionários (NÉBIAS, 2009, p.36-71). Para tornar mais efetiva ação dos militantes libertários, foi fundada em fevereiro de 1918 a Aliança Anarquista do Rio de Janeiro. Esta Aliança contava com a participação de militantes destacados entre os libertários da Capital como José Oiticica, Astrogildo Pereira, José Dias, Ulrich D'Ávila e Álvaro Palmeira.

Assim como os militantes libertários se articulavam para tornar mais orgânica sua ação, alguns destes, como Astrogildo Pereira, procuravam defender as ideias revolucionárias através de um jornal chamado *Crônica Subversiva*. Neste periódico, fica muito claro o desejo de que a Guerra acabasse por meio de uma Revolução Social ampla, que seria o juízo final da burguesia e que fatalmente chegaria também ao nosso país:

Ora, atrás da Áustria, da Itália, da Alemanha... virá o resto. Será o juízo final da burguesia. Pensando nisso é que eu me regozijo com a sova que os exércitos austríacos estão apanhando neste momento. Porque eu espero que o juízo final chegue também por cá, por estes Brasis amados. Ah! não me sai da mente esta luminosa ideia: subir as escadas do catete e pegar pela gola o patife que lá estiver a presidir e arremessa-lo das janelas do segundo andar, a esborrachar-se integralmente no asfalto...⁴

⁴ *Crônica Subversiva*. Rio de Janeiro. p.1-2, 29, jun, 1919.

Este desejo, que já se encontrava em potência nos planos de muitos militantes, passa a se tornar mais factível depois de uma greve violenta da Companhia Cantareira que ocorre em Niterói. Com efeito, a par de uma reorganização dos militantes libertários, também existia uma reestruturação do movimento operário da Capital Federal. Tradicionalmente, os sindicatos cariocas se agrupavam em torno da Federação Operária do Rio de Janeiro (FORJ). Mas, como o Governo Federal havia fechado uma série de associações operárias, inclusive a Federação, a União Geral dos Trabalhadores (UGT), que reunia alguns sindicatos passou a ser a associação de referência dos trabalhadores cariocas. A partir daí, várias categorias voltaram a se mobilizar, principalmente porque as dificuldades econômicas vividas desde antes de 1917, não haviam sido resolvidas com as greves daquele ano.

Em agosto eclodiu a greve da Companhia Cantareira e da Viação Fluminense, paralisando os serviços de transporte por barca entre Niterói e o Rio de Janeiro. A antiga capital fluminense parou completamente e o Governo Estadual mobilizou a polícia para reprimir os trabalhadores grevistas. Parte dos soldados do exército passou para o lado dos trabalhadores e dois destes foram mortos no confronto com a força pública estadual.

Este acontecimento ofereceu oportunidade para que os militantes libertários acreditassem na possibilidade de uma união entre operários e soldados em um movimento revolucionário. Além disso, a gripe espanhola se espalhava rapidamente entre a população mais pobre da capital, causando uma série de mortes. Pode-se acrescentar, ainda, o fato que no começo do mês de novembro de 1918, se iniciou a Revolução Alemã que derrubou o Kaiser, o que era esperado por muitos militantes como o sinal decisivo para o desenlace da Revolução Social no restante da Europa.

Neste contexto os militantes da Aliança Anarquista começaram a articular uma insurreição que deveria ser iniciada com uma Greve Geral. O plano era derrubar o Governo do Presidente Delfim Moreira, que assumiria no lugar de Rodrigues Alves (vitimado pela Gripe Espanhola), proclamando uma República Soviética no Brasil (ADDOR, 2002, p.101-144).

Os militantes da Aliança Anarquista entraram em contato com líderes dos metalúrgicos e da União dos Operários em Fábricas de Tecidos e com os militares, através do Tenente da Marinha José Elias Ajus. Participava igualmente das reuniões que estava

articulando a insurreição o advogado socialista baiano Agripino Nazareth. O plano era deflagrar uma Greve Geral, com uma concentração de operários no Campo de São Cristóvão. Quando as tropas do exército chegassem para reprimir os trabalhadores, os dois grupos se confraternizariam e ocupariam o Arsenal de Guerra e a energia elétrica da Capital Federal seria cortada. Logo após, o Presidente da República seria deposto e seria proclamada uma República dos Trabalhadores.

No dia 18 de novembro de 1918, um grupo de trabalhadores se reuniu no Campo de São Cristóvão, mas, em vez de se confraternizar, entraram em choque com os soldados, provocando uma verdadeira batalha campal. Duas torres da companhia elétrica Light and Power foram destruídas. Os operários atacaram e ocuparam a delegacia do 10º Distrito Policial, mas, com a ação do exército, os grupos operários foram reprimidos e rechaçados. Conforme informou a polícia aos jornais do Rio de Janeiro, dezoito operários foram presos quando tentavam dinamitar a represa de Ribeirão das Lages. Do morro de Santa Teresa, alguns trabalhadores tentavam jogar petardos sobre o Quartel da Polícia, o bondinho foi descarrilado e algumas bombas foram encontradas em diferentes pontos da cidade (MONIZ BANDEIRA, 2002, p.157-199).

Quanto aos líderes da Aliança Anarquista, acabaram sendo denunciados por Jorge Elias Ajus, que era, na verdade, um espião das forças do governo. Muitos militantes foram presos, como Astrojildo Pereira, ou então foram deportados para outras partes do Brasil. O presidente Delfim Moreira fechou a União Geral dos Trabalhadores e suspendeu a União dos Operários em Fábricas de Tecidos, a União dos Operários Metalúrgicos e a União dos Operários em Construção Civil. Os jornais publicaram parte dos relatórios da polícia sobre a insurreição e passaram a fazer uma dura campanha contra os operários anarquistas, influenciados pelo maximalismo russo.

A tentativa de insurreição operária havia falhado, os militantes anarquistas haviam sido presos e os trabalhadores duramente reprimidos. Mesmo assim, o processo não foi entendido como uma derrota definitiva, muito pelo contrário. A derrota da Insurreição Operária de 18 de novembro de 1918 abriria espaço para a construção de uma solidariedade mais orgânica e possibilitaria a construção de planos mais articulados visando a vitória da Revolução Social.

Os projetos revolucionários da Insurreição de 1918 à Insurreição de 1919

O mês de novembro de 1919 foi bastante agitado para os militantes operários brasileiros. A Insurreição Operária no Rio de Janeiro foi entendida como um primeiro passo em direção à Revolução Social. Neste mesmo mês, como havia pontuado anteriormente, também teve início a Revolução Alemã. No final de outubro, os marinheiros e soldados já haviam se amotinado no Império Austro-Húngaro, fazendo com que o Imperador abdicasse, colocando fim a monarquia multinacional. Os impactos deste acontecimento chegaram até a Alemanha, onde os soldados e os marinheiros também se levantaram e os operários de várias cidades passaram a formar Râtes (Conselhos), inspirados no Soviet da Rússia. O Kaiser teve de fugir para a Holanda e foi proclamada uma República, se iniciando uma disputa entre os social-democratas moderados e os espartaquistas, defensores da Revolução Social (MONIZ BANDEIRA, 2002, p.273-277).

A expectativa da Revolução Alemã havia alimentado as esperanças dos militantes brasileiros com a expectativa do final da Grande Guerra e do desenlace de uma grande Revolução Mundial. Esta expectativa se fundava também em uma interpretação bastante particular da história, pois muitos acreditavam que a Revolução Russa iria completar uma série de tarefas pendentes deixadas pela Revolução Francesa, garantindo os reais avanços sociais que esta havia prometido, mas não havia cumprido.

Deste modo, a Revolução Alemã seria um passo fundamental deste processo, pois garantiria sua universalização para além das fronteiras russas, assim como outrora a Revolução Francesa havia se imposto sobre o restante da Europa através das tropas de Napoleão. Este “estado de ânimo” sobre o futuro da Revolução pode ser observado em um texto de primeira página do jornal Tribuna do Povo, de Recife, publicado apenas duas semanas após a eclosão da Revolução Alemã:

O maximalismo, que é a verdadeira Civilização, como esta, avança do Oriente para o Ocidente. Subverterá todo o mundo antigo e livrará a Humanidade do peso odioso das atuais instituições- tornando todos os homens senhores de si próprios.

Agora, admitida como está a implantação do bolcheviquismo em todos os países, inclusive o Brasil, certamente sobressai a inadiável necessidade de

por todos os trabalhadores brasileiros ao corrente do grupo de ideias que constitui a teoria maioritária ou bolshevique⁵.

A partir deste momento o interesse pelo maximalismo, pelo espartacismo e pelo comunismo vai crescer entre os militantes operários brasileiros. Também se colocava de uma forma mais urgente o modo como este processo revolucionário, que algumas vezes era visto como inevitável, iria se concretizar na realidade. A Insurreição de 18 de novembro havia mostrado algumas falhas graves de articulação e isto levou os militantes que haviam atuado naquele movimento a rever seus planos de ação. Foi deste modo que surgiu o primeiro PCB.

Em março de 1919, os mesmos militantes da Aliança Anarquista fundaram o Partido Comunista do Brasil na cidade do Rio de Janeiro. Efetivamente, o próprio Astrojildo Pereira conta que foi durante o período de prisão das lideranças anarquistas que surgiu a ideia da formação deste Partido, através do contato regular que aqueles tinham com os seus camaradas que estavam fora da prisão (KAREPOVS, 2002, p.38-36). O Partido de 1919 não pode ser tomado apenas como uma influência de um modelo externo ou com um engano que os libertários cometeram quando miravam o exemplo russo, mas sim como uma forma de tornar mais orgânica e coesa a ação dos militantes.

Em sua fundação, os membros do PCB lançaram um documento com suas Bases de Acordo, que tratava da filiação e da formação dos núcleos regionais. Os fundadores também lançaram um programa dividido em sete pontos, que tratava da abolição da propriedade privada (apesar de preservar formas de pequena propriedade); da socialização da agricultura, indústria meios de transporte e comunicação; da regulamentação das horas de trabalho; da obrigatoriedade do trabalho para todos os indivíduos; da distribuição da produção entre os indivíduos; do livre acesso à educação racional e da garantia de liberdade de pensamento e reunião.

O PCB também declarava que seu objetivo era agir para estabelecer uma aliança de indivíduos de diversas classes para realizar as mudanças que a agremiação defendia. Além disso, também afirmava em seu programa que “A ação do Partido consiste na propaganda sistemática, por todo o país, do socialismo integral ou comunismo e na arregimentação e

⁵ *Tribuna do Povo*. Recife, p.1. 20, nov, 1918.

educação do proletariado em geral para a conquista dos poderes públicos- único meio pelo qual poderá realizar seu programa”. Foi neste sentido que nessa mesma ocasião foi publicada uma Circular, enviada junto com os outros documentos para diversos pontos do Brasil, conclamando os militantes de outros estados a formarem núcleos partidários conforme o programa e as bases de acordo enviadas⁶.

A proposta teve sucesso e surgiram, a partir deste momento, grupos e núcleos comunistas em diversas localidades do Brasil. Estes núcleos, pelo que pode se depreender, não eram organizações econômicas, tampouco culturais, mas surgiram para serem grupos essencialmente políticos e defenderem (e difundirem) o programa que havia sido elaborado pelos militantes do Rio de Janeiro.

Núcleos comunistas foram fundados em localidades do estado de São Paulo (como Campinas, São Caetano e São Paulo) e de Minas Gerais (como João Ayres, Vila Eloy Mendes e Belo Horizonte). Enquanto isso, no Rio de Janeiro, os membros deste primeiro PCB organizaram palestras sobre temas como a Abolição da Escravatura e sobre a Comuna de Paris; também organizaram as manifestações de 1º de maio, que reuniram mais de 60.000 pessoas na Capital Federal⁷. Como o PCB se expandia e suas atividades se tornavam mais amplas, os militantes da Capital Federal convocaram uma Conferência Comunista entre os dias 22 e 24 de junho de 1919.

A Conferência reuniu 22 delegados que representavam organizações operárias da Capital Federal, do Estado do Rio de Janeiro, de São Paulo, do Rio Grande do Sul, de Minas Gerais, Alagoas e Pernambuco, além de uma representante da Liga Comunista Feminina. Nesta Conferência (cujos últimos encontros tiveram de se realizar em Niterói por perseguição do Chefe de Polícia), foi decidido que deveriam ser fundados mais núcleos regionais e que era necessário promover excursões de propaganda para este fim. Também foi deliberado pela necessidade de promover uma grande Conferência Geral no final daquele ano, precedida de sessões regionais preparatórias organizadas pelos núcleos comunistas do sul, do norte e do centro do país. Além disso, também se debateu a fundação

⁶ Estes documentos se encontram anexos a um Processo movido contra os trabalhadores de Porto Alegre por conta de conflitos ocorridos durante a Greve Geral de 1919. Processo Crime 1016. Júri-Sumários. Porto Alegre, 1919.

⁷ As notícias das atividades do PCB no Rio de Janeiro e da formação de núcleos em outros estados eram divulgadas pelo jornal *A Plebe* de São Paulo.

de folhas de propaganda e uma comissão de relações internacionais organizadas pelo Núcleo Comunista de São Paulo.

A Conferência não era formada apenas por Núcleos Comunistas, pois o PCB havia sido fundado a muito pouco tempo atrás. Na realidade, a própria Conferência nos obriga a problematizar o caráter do PCB. Esta organização não era um partido eleitoral, também não era uma federação sindical. O próprio programa lançado em março de 1919 deixava claro que não se tratava de uma organização com caráter ideológico definido, embora a influência da tradição anarquista e da Revolução Russa seja evidente nesta organização. O depoimento do Secretário da Mesa da Conferência Comunista ao *Rio-Jornal* esclarece (ao menos um pouco) o caráter deste grupo que estava surgindo e cuja influência era cada vez mais evidente.

Em março de 1919, fundou-se nesta capital o Partido Comunista do Brasil, que admite em seu seio, anarquistas, socialistas e todos os que aceitarem o comunismo social.

A reunião foi pública, tendo a ela assistido o Dr. Nicanor do Nascimento, não se tendo falado senão na organização do Partido.

Realizaram-se já diversas conferências públicas de propaganda, numa das quais falou o Dr. Evaristo de Moraes sobre o 13 de maio.

Convém notar que a comemoração de 1º de maio foi obra também do Partido, e que todas as nossas reuniões tem sido e são públicas, como foi a primeira sessão do Congresso ante-ontem.

Ora, como o Partido era do Brasil, convinha então, reunir os elementos avançados de todo o país, para numa Conferência ou Congresso, estabelecer de um modo claro e decisivo a nossa organização, bases de acordo e programa⁸.

Desta forma, o que se depreende pelo depoimento é que se tratava de uma organização ampla, de uma verdadeira frente formada por aqueles que defendiam o comunismo social. Isto justifica, por exemplo, a participação de políticos considerados republicanos radicais, como Nicanor do Nascimento e intelectuais socialistas, como Evaristo de Moraes, nas atividades promovidas pelo Partido. Neste mesmo período, existem referências, como um panfleto da União Maximalista de Porto Alegre, que

⁸ *A Plebe*. São Paulo, p.1, 28, jun, 1919.

indicam que o Partido Comunista teria mais de 100.000 membros⁹. Mesmo que a estimativa seja exagerada, parece claro que a formação do primeiro PCB pretendia abarcar todos os militantes revolucionários e personalidades progressistas do país, incluindo-se aí sindicatos operários, grupos libertários, militantes socialistas e mesmo intelectuais radicais.

Foi nesta lógica de uma frente ampla para defesa de uma causa revolucionária, que retomava, em certos termos, a ideia de uma Congresso Geral da Vanguarda Social do Brasil lançada depois das Greves 1917, que este grupo começou a crescer. No Rio de Janeiro, foi fundado o jornal *Spartacus*, que tinha em seu grupo de editores militantes como José Oiticica, Astrojildo Pereira, Ulrich D'Ávila, Max Vasconcelos e Santos Barboza e era distribuído para várias partes do Brasil. Também foi iniciado um processo de difusão dos núcleos comunistas, tanto nas diferentes regiões do país, quanto entre os bairros do Distrito Federal, formando uma rede de solidariedade e informação que deveria ser cada vez mais efetiva.

Na Capital da República se formaram Núcleos de propaganda na Praia Vermelha, em São Cristovão, em Andaraí, em Encantado, em Terranova, em Copacabana e em Cascadura, que promoviam conferências populares e comícios nos subúrbios do Rio de Janeiro. Entre o dia 25 e 31 de agosto, o militante pernambucano José Elias da Silva realizou uma excursão de propaganda para a cidade de São Paulo e de Cruzeiro do Sul, cuja União Operária 1º de Maio congregava o pessoal da Rede Ferroviária Sul-Mineira. Da mesma forma, no dia 24 de agosto, José Oiticica realizou uma conferência em Petrópolis, surgindo neste local, logo após, um Núcleo Comunista¹⁰.

No Rio Grande do Sul, a União Maximalista de Porto Alegre declarou seu apoio ao PCB em um panfleto de junho daquele ano e um Núcleo Comunista já estava funcionando na cidade de Pelotas desde o final de maio. Nos estados do Nordeste não existe notícia da formação de Núcleos Comunistas, mas uma das pautas da Conferência Trabalhista de Pernambuco, que se realizou em agosto de 1919, era a realização em Recife de um Congresso Sindicalista do Norte e da formação de uma Seção Confederal Operária do

⁹ Esta informação se encontra no *Boletim de Protesto da União Maximalista (contra a intervenção no congresso comunista brasileiro)* Processo Crime 1016. Júri-Sumários. Porto Alegre, 1919.

¹⁰ As informações sobre a expansão dos núcleos comunistas no Distrito Federal, assim como das excursões de propaganda, eram veiculadas pelo jornal *Spartacus*, que era editado justamente pelo núcleo de militantes que organizava o Partido Comunista no Rio de Janeiro.

Norte do Brasil, o que estaria em consonância com os objetivos da Conferência Comunista de junho¹¹.

Toda esta mobilização não tinha apenas objetivos organizacionais ou sindicais, como era o caso do funcionamento da Confederação Operária Brasileira. A organização do Partido Comunista do Brasil de 1919 estava diretamente ligada ao fracasso da Insurreição Operária de 1918 e suas ações de propaganda das concepções revolucionárias estavam ligadas a um planejamento que visava colocar em prática a ideia de Revolução Social. Através da memória de militantes como Abílio de Nequete e Friedrich Kniestedt, sabe-se que em outubro de 1919, ocorreu uma visita do gerente do jornal *A Plebe* de São Paulo, agindo como delegado revolucionário dos operários paulistas, para articular o apoio dos militantes gaúchos para uma nova insurreição que deveria ter seu início em São Paulo (PETERSEN, 2001, p.371). Estas articulações devem ter se replicado em diversas regiões do país, especialmente porque as relações entre as diversas regiões se tornaram mais orgânicas a partir da fundação do PCB.

Os acontecimentos se precipitaram em outubro de 1919: no dia 19 deste mês ocorreu uma explosão em uma casa do Bairro do Pari, na cidade de São Paulo, vitimando os operários portugueses Belarmino Fernandes, Joaquim dos Santos Silva, José Alves e o espanhol José Prol Bougas. A ação dos bombeiros acabou descobrindo artefatos explosivos guardados na casa, além de panfletos libertários e de cartas trocadas com militantes do Rio de Janeiro, em que se informavam articulações com militares de baixa patente para uma revolução que deveria ser deflagrada no final daquele ano. O *Estado de São Paulo* deu especial destaque à ligação de Bougas com o Partido Comunista, já que o militante havia sido preso distribuindo panfletos do PCB, destacando também a distribuição de materiais da organização entre os soldados do Rio de Janeiro e São Paulo¹².

O que ocorreu em seguida foi a deflagração de uma greve entre os trabalhadores do transporte que se espalhou rapidamente, atingindo várias categorias, mas a repressão extremamente violenta da Força Pública do Estado de São Paulo afogou a paralisação, assim como esmagou qualquer possibilidade de sucesso da Insurreição Operária que estava sendo articulada. O conflito se intensificou com verdadeiras batalhas entre soldados e operários nos subúrbios de São Paulo. Ocorreram prisões em massa na capital paulista e a

¹¹ *Tribuna do Povo*. Recife, p.2, 2, ago, 1919; p.1, 30, ago, 1919.

¹² *O Estado de São Paulo*. São Paulo, p.2, 20, out, 1919; p.2, 21, out, 1919.

Marinha interveio no Porto de Santos. Lideranças importantes como Gigi Damiani, Everardo Dias e João da Costa Pimenta foram presos e deportados para o exterior ou para outros estados do país (MONIZ BANDEIRA, 2002, p.266-271).

Everardo Dias, um dos principais articuladores da Insurreição e um dos militantes que foi deportado em condições desumanas naquela ocasião, explicou os objetivos do movimento em seu livro *História das Lutas Sociais no Brasil*, escrito em 1962, mais de 40 anos depois destes acontecimentos:

Esse movimento devia irromper simultaneamente no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas, Paraná, Pernambuco, Rio Grande do Sul (1919). Estava articulado de forma a prever qualquer deficiência a tempo e hora, e dar-lhe solução imediata. Mesmo assim, a precipitação de uma corporação dos transportes - cujos líderes não dispunham da necessária confiança e prestígio para esclarecer aquela massa de descontentes, não tinham convicções nem suficiente argumentação que os capacitasse a impedir que aquela coletividade se atirasse á greve antes do tempo fixado - provocou brutal repressão, pronta e antecipada, da polícia. E, sob o acicate dos jornais reacionários governistas, que em comentários alarmantes e venenosos faziam um ataque cerrado contra a agitação grevista, intrigando e indispondo a opinião pública contra os trabalhadores, levaram até uma parte da mocidade acadêmica - (a que não faltou um apreciável contingente de milicianos à paisana) - a substituir grevistas e em tumultuárias demonstrações atacar a redação e empastelar *A Plebe*. Tais fatos inesperados e surgidos de forma tão desconcertante causaram o adiamento do movimento, que não mais conseguiu coesão e firmeza, devido à prisão de dezenas e dezenas de líderes, deportação de grande número e ocultamento de outros¹³.

Apesar da crítica aos trabalhadores do transporte por sua precipitação em relação ao movimento paredista, acompanhando as fontes do período (e encadeando alguns fatos que só se tornaram públicos posteriormente) parece bastante provável que a deflagração da Greve Geral tenha relação direta com os acontecimentos do dia 19 de outubro. Neste caso, seria um movimento com caráter insurrecional, para tentar colocar em prática o levantamento planejado anteriormente, mas que se via ameaçado pela descoberta dos seus planos de execução. A repressão levada a cabo pela polícia, no entanto, acabou desmantelando todo o movimento. O acidente ocorrido nesta data, assim como suas

¹³ DIAS, Everardo. *História das lutas sociais no Brasil*. São Paulo: Edaglit. 1962. p.91-92.

consequências, foi tão importante para o movimento operário paulistano daquele período que durante dois anos seguidos foram lançados jornais cujos títulos eram *O 19 de outubro* e *Remember*, editados respectivamente em 1920 e 1921, para lembrar as vítimas do acidente no Bairro do Pari e também aqueles que foram vítimas da repressão policial.

Mesmo que a ideia de Revolução Social continuasse no horizonte dos militantes operários, a repressão à Insurreição de Outubro de 1919, assim como o desmantelamento do primeiro Partido Comunista do Brasil, marcaram o final de um período para o movimento operário brasileiro. A partir de 1920, as divisões dentro do movimento operário brasileiro entre críticos e defensores da Revolução Russa, assim como entre os militantes que defendiam a participação de políticos profissionais e intelectuais no movimento e os que eram partidários de um sindicalismo voltado apenas para os trabalhadores, tornaram a construção de projetos conjuntos uma tarefa cada vez mais difícil. Desta forma, o sonho da Revolução Social ficava cada vez mais distante e os diferentes grupos políticos, como os anarquistas e comunistas, se voltaram para a construção de suas próprias organizações.

Conclusão:

Neste artigo analisei alguns processos ocorridos no movimento operário brasileiro que levaram às Insurreições Operárias da Primeira República. Estas Insurreições não foram apenas fatos isolados, mas estão ligadas a um movimento mais amplo, levado adiante por muitos trabalhadores que desejavam transformar as ideias de Revolução Social em realidade. As ideias que alimentaram estas insurreições estão ligadas à tradição libertária, tanto a do anarquismo, quanto do sindicalismo revolucionário, além da influência da Revolução Russa. Também se pode observar, através da aproximação com militares, republicanos radicais e intelectuais, a persistência de práticas insurrecionais que marcaram a Primeira República, através da lógica das revoltas populares.

As articulações que resultaram nestas Insurreições começaram a ser sedimentadas a partir das Greves de 1917, quando já aparece a ideia de um Congresso de Vanguardas; este processo se torna mais orgânico, porém, a partir do fracasso da Insurreição de novembro de 1918, com a fundação do primeiro Partido Comunista do Brasil, em março 1919. Neste

período, que vai de 1917 a 1919, surgiram projetos políticos que objetivavam a defesa e a propaganda das ideias revolucionárias, como a União Maximalista, a Congregação Libertadora da Terra e do Homem e a Aliança Anarquista, por exemplo. Foi a partir da fundação do PCB de 1919, no entanto, que se articulou um projeto mais claro dos militantes operários para organizar os grupos sociais e os sujeitos que apoiavam o seu projeto revolucionário.

Este exercício de hegemonia, a partir da construção de uma frente ampla de defesa da Revolução Social, não sobreviveu à violência e a repressão que se abateram sobre os militantes com a derrota da Insurreição de novembro de 1919. De qualquer forma, os debates sobre os caminhos da Revolução Social continuariam a agitar o movimento operário brasileiro pelos próximos anos, mesmo que as organizações estivessem divididas por práticas e ideias conflitantes entre si.

Fontes:

Panfletos anexos ao Processo Crime 1016. Júri-Sumários. Porto Alegre, 1919.

Jornais:

A Luta – Porto Alegre – 1918.

A Plebe – São Paulo – 1917-1919.

A Semana Social – Maceió – 1917.

Crônica Subversiva – Rio de Janeiro - 1918.

O 19 de Outubro – São Paulo – 1920.

O Debate – Rio de Janeiro – 1917.

O Estado de São Paulo – São Paulo – 1919.

O Povo – Maceió - 1918.

O Syndicalista – Porto Alegre - 1919.

Remember – São Paulo – 1920.

Spartacus – Rio de Janeiro – 1919.

Tribuna do Povo – Recife – 1918-1919.

Bibliografia:

ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Achiamé: Rio de Janeiro, 2002 (edição revista e atualizada).

BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *O ano vermelho: a revolução russa e seus reflexos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

BARTZ, Frederico Duarte. Abílio de Nequete (1888-1960): os múltiplos caminhos de uma militância operária. *História Social (UNICAMP)*, v. 14/15, p. 157-173, 2008.

BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

KAREPOVS, Dainis. *A esquerda e o parlamento no Brasil: o Bloco Operário e Camponês (1924-1930)*. São Paulo: PPG em História da USP, 2002. (Tese de Doutorado).

LOPREATO, Christina Roquette. *Espírito de revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Annablume, 2000.

PETERSEN, Silvia R. F. *Que a união operária seja nossa pátria. Histórias das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.

VELASCO E CRUZ, Maria Cecília. *Amarelo e Negro: matizes do comportamento operário na República Velha*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1981. (Tese de Mestrado).